
Práticas Sociais Religiosas: um estudo sociológico pontual

Religious social practices: A particular sociological study

José Ivo Follmann¹

jifmann@hotmail.com

Adevanir Aparecida Pinheiro²

adevanir@unisinos.br

Resumo

O artigo, além de proporcionar importante incursão na discussão do conceito de Práticas Sociais Religiosas (PSR), reproduz uma síntese dos principais resultados de uma pesquisa³ realizada, pelos autores, sobre essas práticas em alguns municípios do Vale do Rio dos Sinos, na Região Metropolitana de Porto Alegre, RS. A pesquisa está elaborada em uma tríplex abordagem das PSR, contemplando as perspectivas da produção da sociedade como um todo, dos campos de atividade e da dinâmica pessoal dos sujeitos e sua identidade. Além do registro dos resultados principais da pesquisa, o artigo consegue pontuar importantes hipóteses e sugestões para estudos envolvendo processos institucionais, ideológicos, políticos e subjetivos.

Palavras-chave: práticas sociais religiosas, religiões, assistência social, Vale do Rio dos Sinos.

Abstract

This paper explores the concept of Religious Social Practices (RSP) and presents a synthesis of the main results of a research conducted by the authors about these practices in some cities of the Sinos River Valley in the Metropolitan Area of Porto Alegre, Brazil. The research contains a triple approach to RSP, taking into consideration the production of society as a whole, the fields of activity and the personal dynamics of the subjects and their identities. Besides reporting on the main results of the research project, the article points out some hypothesis and suggestions for further studies involving institutional, ideological, political and subjective processes.

Key words: religious social practices, religions, social work, Sinos River Valley.

¹ Sociólogo, doutor em Sociologia pela Université Catholique de Louvain.

² Assistente social, mestranda em Ciências Sociais, Unisinos.

³ Pesquisa realizada no Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais. Atuaram como Bolsistas de Iniciação Científica: Otilia Gomes Freires, Tiago da Silva César, Ester Schlegler e Karin Sauer.

Introdução

“Não sei como é que este povo dá conta de tanta religião!” exclamou um de nossos estagiários, ao retornar de suas jornadas na realização de cadastros de locais de culto religioso e templos. O pluralismo religioso, em sua rica diversidade de manifestações, é um fato que dificilmente passa despercebido nos dias de hoje. Não é diferente na Região do Vale do Rio dos Sinos.

Se, por um lado, a manifestação da diversidade religiosa causa reações de estranhamento e espanto, ela pode despertar, por outro lado, para muitas novas percepções e interrogações sobre a própria sociedade. O misto de estranhamento e percepções novas, ao mesmo tempo em que ajuda a expressar a crescente multiplicidade de manifestações culturais na complexidade social em que vivemos, oportuniza, também, a descoberta das muitas referências comuns presentes nas diversas religiões e formas de religiosidade, bem como na multiplicação dos espaços de visibilidade pública das mesmas.

No estudo, que desencadeou este texto, fizemos um recorte específico na abordagem da presença religiosa, falando a partir das *Práticas Sociais Religiosas* (PSR) em quatro municípios do Vale do Rio dos Sinos.⁴ A idéia da pesquisa nasceu de um fato muito simples... Em um cadastro de locais de culto religioso e templos, que realizamos na Região Metropolitana de Porto Alegre,⁵ a pergunta sobre as atividades e iniciativas de Assistência Social ocupa um lugar destacado. Esse cadastramento veio despertando grande interesse da parte de líderes religiosos, no sentido de quererem conhecer melhor o que estava sendo realizado por outras congregações de sua confissão religiosa ou por outras religiões na Região, em termos de iniciativas de assistência ou promoção social e qual a relevância e o efetivo impacto disso na sociedade. O interesse assim manifesto despertou-nos para a importância de um aprofundamento teórico com relação ao tema.

O conceito de *Práticas Sociais Religiosas* (PSR) desenvolvido nos estudos e discussões, gerados por essa busca e demanda, é apresentado de uma forma sintética, ao longo do presente texto, construído a partir dos principais resultados da pesquisa em questão. Obedecendo a uma tríplice abordagem, onde as PSR são olhadas, ao mesmo tempo, na perspectiva da *produção da sociedade* como um todo, dos processos inerentes aos *campos de atividade* e da *dinâmica pessoal dos sujeitos e sua identidade*, o estudo ajuda a elucidar o conceito em questão

lançando interrogações e hipóteses pertinentes sobre as implicações institucionais, ideológicas, políticas e subjetivas.

As religiões e sua diversidade

Se olharmos friamente para as estatísticas religiosas apresentadas pelo Censo de 2000 do IBGE, o Brasil continua sendo efetivamente um grande país cristão, ou seja, quase 90% dos brasileiros identificam-se como seguidores de alguma confissão dentro do cristianismo. Esse dado pode impressionar, mas certamente está acobertando fatos não explicitados pelas estatísticas em questão: Por um lado, a maneira característica como esse cristianismo foi cultivado, ao longo da história brasileira, sobretudo pela via católica. Foi uma “evangelização” superficial, formal ou, até mesmo, forçada e com pouco clero. Por outro lado, é conhecido o fato do grande número daqueles que, por diferentes fatores, alimentam crenças fundamentadas em matrizes africanas, umbandistas e espíritas, muitas vezes partilhadas e assumidas simultaneamente com a identificação formal católica⁶. Se esses dois fatos são verdadeiros, chama a atenção, todavia, como fato novo, a grande proliferação de locais de culto religioso e templos, nas últimas décadas. Chama a atenção, também, o relativamente elevado índice de frequências religiosas em cultos, sessões ou celebrações, promovidos regularmente pelas religiões, na história recente. Nesse sentido, devemos lembrar, aqui, dados colhidos pelo cadastro, recentemente realizado na Região Metropolitana de Porto Alegre, já mencionado na introdução. Dentro da delimitação do estudo aqui apresentado, é importante uma prévia demonstração desses dados. A Tabela 1 estabelece um recorte dos locais de culto religioso e templos cadastrados nos municípios onde se localiza o objeto do presente estudo, Canoas, Esteio, São Leopoldo e Novo Hamburgo.

O cadastro de locais de culto religioso e templos nos municípios em questão (e podemos presumir que, em muitas Regiões Metropolitanas do Brasil, esse quadro se repita sem grandes variações) mostra uma certa regularidade entre os municípios pesquisados no que diz respeito à distribuição do número de locais entre os agrupamentos religiosos. É interessante notar que os agrupamentos religiosos que concentram o maior número de locais são as Religiões de Matrizes Africanas e de Umbanda e as Igrejas Evangélicas Pentecostais e Neopentecostais. Em dois dos quatro municípios (Canoas e Esteio), o maior número é do agrupamento das Religiões de Matrizes Africanas e de Umbanda e

⁴ A Região do Vale do Rio dos Sinos é, em sua parte mais populosa e urbana, abrangida pela Região Metropolitana de Porto Alegre, RS. Os quatro municípios da pesquisa (Canoas, Esteio, São Leopoldo e Novo Hamburgo) integram a RMPA.

⁵ Trata-se de um Cadastro dos Locais de Culto Religioso e Templos que vem sendo realizado pela UNISINOS, que se constitui em importante base num Banco de Dados criado no GDIREC (Programa Gestando o Diálogo Inter-Religioso e o Ecumenismo) no IHU (Instituto Humanitas Unisinos). A pesquisa, coordenada por J. Ivo Follmann (professor do Programa de Pós-Graduação em Ciências Sociais), conta com a co-autoria de Adevanir Aparecida Pinheiro (assistente social, mestre em Ciências Sociais Aplicadas) e participações de Inácio José Spohr (mestre em Ciências Sociais), Alcido Anildo Arnhold (mestre em História) e Geraldo Alzemiro Schweinberger (mestre em Economia) e diversos bolsistas e estagiários.

⁶ A dupla identidade religiosa, muitas vezes camuflada pelas estatísticas, é um fenômeno que merece muita atenção da parte dos estudiosos do “mundo das religiões e religiosidades” no Brasil.

Tabela 1. Número de locais de culto religioso e templos, segundo a religião, em quatro municípios do Vale do Rio dos Sinos, Região Metropolitana de Porto Alegre, RS, Brasil, 2004.

Município Religião	Canoas	Esteio	São Leopoldo	Novo Hamburgo	Total
Afro e Umbandas	131	55	101	41	328
Esp. Kardecistas	8	9	17	4	38
Católicas	54	44	65	45	208
Pent. e NeoPent.	65	18	136	97	316
Prot.Históricas	13	4	28	35	80
Diversas	4	4	17	16	41
Total	275	134	364	238	1011

Fonte: GDIREC, Instituto Humanitas Unisinos – IHU, UNISINOS, São Leopoldo, RS, Brasil, 2004. (Cadastrados realizados no período de 1994-2004).

nos outros dois (São Leopoldo e Novo Hamburgo) o maior número é do agrupamento das Pentecostais e Neopentecostais.

Mesmo que o número de locais de culto ou de templos seja importante, pois se podem inferir do mesmo interessantes reflexões sobre a existência de lideranças, queremos chamar a atenção para o número semanal de frequentadores em atos religiosos (Tabela 2). Nos quatro municípios que estamos referindo, que totalizam, em seu conjunto, uma população de **815.596** habitantes, as pessoas que frequentam semanalmente algum culto ou celebração religiosa somam um número aproximado de **229.387**, ou seja: **28%** da população.

Tabela 2. Número e percentual de pessoas com frequência semanal a atos religiosos (cultos, missas, sessões...), segundo religiões, em relação à população existente em Canoas, Esteio, São Leopoldo e Novo Hamburgo, Região Metropolitana de Porto Alegre, RS, 2004.

Município População	Canoas	Esteio	São Leopoldo	Novo Hamburgo	Total
População Total	306.000	80.000	193.403	236.193	815.596
Pessoas de frequência semanal(*)	83.802	29.480	50.743	65.362	229.387
Percentual dos frequentadores semanais sobre a população local	27 %	37%	26 %	28 %	28%

Fonte: GDIREC, Instituto Humanitas Unisinos – IHU, UNISINOS, São Leopoldo, RS, Brasil, 2004. (Cadastrados realizados no período de 1994-2004) (Observação: O dado colhido nos cadastros foi o das frequências. Aplicamos um “reduzidor” de 5% para chegar mais próximo ao número de frequentadores. Trata-se de um artifício estatístico baseado na observação empírica e na opinião de alguns líderes religiosos.)

Tabela 3. Frequentadores semanais a atos religiosos (cultos, missas, sessões...), segundo religiões, em municípios da Região Metropolitana de Porto Alegre, RS, 2004.

Municípios Religião	Canoas	Esteio	São Leopoldo	Novo Hamburgo
Afro e Umbanda (A)	13%	11%	12%	4%
Esp. Kardecistas (K)	2%	5%	6%	1%
Católica (ICAR) (C)	48%	30%	26%	26%
Pent. e NeoPentec. (P)	30%	45%	45%	51%
Protest. Históricas (H)	6%	7%	5%	13%
Diversas (D)	1%	3%	6%	4%
Total de frequentadores por semana	83.802	29.480	65.362	50.743

Fonte: GDIREC, Instituto Humanitas Unisinos – IHU, UNISINOS, São Leopoldo, RS, Brasil, 2004. (Cadastrados realizados no período de 1994 a 2004.)

No quadro comparativo entre as religiões nos municípios em questão, fica visível a acirrada disputa pelo maior número de frequentadores, que se trava entre o meio religioso católico e o meio religioso evangélico pentecostal e neopentecostal (Tabela 3). Em dois municípios o número de frequências semanais católicas puxa a frente, e nos outros dois é o número de frequências pentecostais e neopentecostais que ponteia. Nos municípios analisados é notável a importância histórica da presença católica, e em alguns, também, a forte participação de Igrejas do Protestantismo Histórico. Esse fato, no entanto, não impede a intensa expansão pentecostal e neopentecostal, sobretudo, nas últimas décadas.

As Práticas Sociais Religiosas – PSR

Através do cadastro dos locais de culto religioso e templos, realizado nos municípios de Canoas, Esteio, Novo Hamburgo e São Leopoldo, ficou visível a existência de muitas iniciativas enquadráveis no conceito amplo de *Práticas Sociais Religiosas* (PSR). É importante registrar que as práticas aqui mencionadas dizem respeito exclusivamente a atividades diretamente ligadas aos locais de culto religioso e templos. Não estão incluídas atividades desenvolvidas por entidades específicas, também de vínculo religioso, como instituições de ensino, hospitais e outras.

Nos 1.011 locais cadastrados, mais de 50% confirmaram a existência de alguma prática social ligada ao local, registrando-se um total de 1.104 menções de PSR⁷, sendo que 337 dessas menções dizem respeito diretamente ao que normalmente se define como atividades de *assistência e benefício social* (Tabela 4). Sob este título, o cadastro registra atividades

⁷ A pergunta formulada na ficha cadastral permitiu registrar mais do que um tipo de prática social ligado ao local, daí a ocorrência de um número maior de menções de PSR do que locais de culto religioso e templos...

como campanhas de alimento e roupa, chás ou promoções beneficentes destinados para a assistência à população mais necessitada, encaminhamentos para emprego e trabalho. A segunda maior incidência de registro deu-se na categoria *saúde e atendimento médico* (248 menções), englobando pastorais da saúde e da criança, terceira idade, encaminhamentos para tratamento médico, recuperação do vício da droga e alcoolismo, acompanhamentos psicológicos e técnicas de relaxamento, cura espiritual de doenças e campanhas de remédios. A categoria que ocupa o terceiro lugar em número de menções, nos cadastros analisados, é o item que engloba *educação, palestras, cursos, seminários*, com 207 registros. Sob essa categoria, estão desde atividades de alfabetização e reinserção escolar, com atendimento a necessidades especiais, até palestras ou cursos de orientação em temas importantes do convívio social e exercício da cidadania, passando por pequenas oficinas de formação técnica ou cursos de formação religiosa. A esses números, exercendo uma certa transversalidade, podem ser somadas as atividades que estão enquadradas na categoria *atividades por grupos setorializados*, com 146 menções, e as que estão agrupadas sob o título de *atendimento espiritual e visitas*, com 166 menções. A análise dos registros existentes nos cadastros deixa visível uma grande concentração de práticas em torno do que denominamos de assistência e benefício social, da busca de atenção à saúde e à educação.

Como já sinalizamos acima, é bom sublinhar que, apesar de nem todos os locais de culto e templos cadastrados registram explicitamente a existência de PSR em seu meio, o número das fichas cadastrais em que há menção da existência destas práticas, em todos os municípios em questão, tende a ser bem superior a 50%. Ou seja, mais da metade dos locais de culto religioso e templos registram PSR a eles vinculadas.

No que diz respeito especificamente às práticas sociais voltadas à saúde, Adevanir Aparecida Pinheiro, após analisar os mesmos cadastros acima referidos e aprofundando o estudo

Tabela 4. *Práticas Sociais desenvolvidas junto aos locais de culto religioso ou templos de quatro municípios do Vale do Rio dos Sinos (Canoas, Esteio, São Leopoldo, Novo Hamburgo), 2003.*

Práticas sociais religiosas (PSR)	Número de Menções
Assistência e benefício social	337
Atividades por grupos setorializados	146
Saúde e atendimento médico	248
Educação, cursos, palestras, seminários	207
Atendimento espiritual e visitas	166
Total de menções de existência de PSR	1.104
<i>(Total de locais de culto e templos Cadastrados)</i>	<i>(1.011)</i>

Fonte: GDIREC, UNISINOS. Dados levantados junto ao cadastro dos locais de culto religioso e templos da Região Metropolitana de Porto Alegre, RS, 2003.

junto a dois bairros específicos dos municípios de Canoas e São Leopoldo, assim se expressava, em sua dissertação de mestrado, com a seguinte síntese conclusiva:

Destacamos a maior concentração de “Práticas Sociais Religiosas” voltadas para a área da saúde. Este tipo de práticas se dá por diferentes formas: pastoral da saúde, tratamento especial à 3ª idade, médicos, educação física e orientação para nutrição, atendimento nos postos de saúde da comunidade, doação de medicamentos, acompanhamento psicológico, pastoral da criança, acompanhamento a gestantes, encaminhamento de doentes para hospitais, recuperação de drogados, atendimento odontológico, técnicas de relaxamento, cura de doenças através de passes ou bênçãos” (Pinheiro, 2003).

O que são Práticas Sociais Religiosas

Conceituamos aqui as **Práticas Sociais Religiosas (PSR)** como *práticas ligadas a locais de culto religioso ou templos, expressando interesse das instituições religiosas e tendo, enquanto tal, uma fundamentação religiosa, voltadas para ajudar a amenizar ou solucionar aspectos da questão social.* As PSR não podem ser simplesmente reduzidas a práticas caritativas, como muitas vezes se pensa e afirma. Lembramos, por exemplo, as pastorais sociais das Igrejas. Em nossas pesquisas, sobretudo a partir da pesquisa de mestrado de Adevanir Aparecida Pinheiro (2003), já mencionada, uma das questões centrais de investigação vem sendo “até que ponto essas práticas proporcionam a participação dos sujeitos e contribuem ou não para a transformação?”

Queremos sublinhar quatro delimitações importantes para o bom entendimento das PSR. Uma primeira toma como referência, a constatação muito sugestiva de Martin Dreher (1999) ao referir certas iniciativas sociais e culturais da Igreja na história do Rio Grande do Sul. Em sua obra “Populações rio-grandenses e modelos de igreja”, o autor demonstra claramente como as práticas sociais e culturais desenvolvidas, dentro do meio religioso, acabam reforçando a própria instituição religiosa.

Referindo-se especificamente à Igreja Católica, este autor assim se expressou:

A ação da Igreja Católica junto aos imigrantes apoiou-se especialmente em três núcleos de ação: acentuada difusão de imprensa, ampla rede de organizações e associações religiosas e culturais e, principalmente, escola e professor. E através destes meios desenvolviam-se diversos tipos de associações de modo tal que se chegou a uma reafirmação e desenvolvimento da prática religiosa (Kreutz, 1998, p. 210-211).

Como essas iniciativas sociais foram muito positivas para a Igreja proporcionando bons resultados para o cumprimento da sua missão, é fácil entender o amplo estímulo e a sua presença signifi-

cativa na sociedade. É notável que os vários avanços tanto no nível das pastorais sociais quanto no nível das diversas ligações com os movimentos sociais da parte da Igreja nos últimos tempos têm muito a ver com as iniciativas que foram historicamente afirmadas.

Esta é, portanto, uma primeira delimitação importante: como as PSR estão sendo úteis para a afirmação e a expansão institucional da religião que as realiza? É necessário estar atento ao reforço institucional que as práticas sociais proporcionam e qual é a efetiva intencionalidade da instituição ao propor essas práticas.

Outra delimitação é a própria ideologia. Entre as práticas podemos observar que existem as que são mais conservadoras e as que são mais transformadoras (Follmann, 1985). Como em toda a sociedade, temos, também, no terreno das práticas sociais, um campo de luta carregado, basicamente, de uma dupla direção, com todas as complexas nuances que as acompanham. Em termos simplificados, existem dois grandes direcionamentos, sendo que a preservação (conservação) refere-se às práticas sociais reprodutoras da ideologia dominante e a transformação constitui-se nas práticas sociais de afirmação do sujeito dominado, como cidadão de direito e participante da construção da história.

Além da intencionalidade institucional e dos diferentes posicionamentos ideológicos, entendemos ser necessário diferenciar as práticas sociais segundo o seu alcance político. Esta é a terceira delimitação. Distinguimos entre práticas de alcance imediato e práticas movidas por um objetivo político. Existe uma diferença fundamental entre as práticas sociais de organizações que se orientam pela elaboração de uma política de ação social claramente detalhada e as práticas sociais daquelas organizações que as desenvolvem por fins puramente de cumprimento de determinações legais ou, então, por fins de afirmação do nome da organização no mercado.

Uma quarta delimitação importante é a que diz respeito ao grau de interação dos sujeitos no interior das práticas, ou seja, à intensidade do processo de identidade coletiva. Os sujeitos que desempenham as PSR vão elaborando, como aborda A. Melucci (1994, p. 153), “formas próprias de interação no interior das condições estruturais em que estão inseridas”. Ao grau de interação dos sujeitos no interior das práticas está agregada também a intensidade da adesão dos mesmos. É o que J. Remy (1989) e G. Bajoit (1992, p. 196) denominam de “estratégias de solidariedade”, pois é muito diferente a organização constituída por sujeitos que estão a ela vinculados por interesses puramente pessoais e utilitários e a organização constituída de sujeitos vinculados de forma expressiva, ou seja, como comumente se diz, “vestindo a camiseta”.

As práticas sociais em geral são todas aquelas práticas voltadas direta ou indiretamente para a questão social. Assim como

existem PSR, existem também práticas sociais educativas, práticas sociais esportivas, práticas sociojurídicas, práticas sociais de saúde, etc. Todas essas práticas sociais são em parte (maior ou menor) práticas de assistência social (Follmann, 2006a).

As PSR, quando são orientadas no sentido de atender às Políticas Públicas de Assistência Social⁸, colocando em primeiro plano os direitos sociais dos indivíduos e grupos necessitados (com problema agudo de subsistência), devem ser consideradas práticas de assistência social, mesmo que tenham a sua fundamentação em princípios religiosos.

Olhando a mesma realidade a partir de três perspectivas

A exemplo de outras pesquisas anteriormente realizadas (Follmann, 1994; Follmann *et al.*, 1996), buscamos no estudo em pauta desenvolver uma abordagem, colocando-nos, ao mesmo tempo, numa perspectiva: de discussão *da produção da historicidade*, de discussão *das lógicas dos campos de atividade* e de discussão *da dinâmica pessoal e identidade*.

Trata-se de três perspectivas, ligadas a diferentes paradigmas de interpretação da sociedade, implicando também que tenhamos presente e consideremos os pressupostos teóricos com os quais estes paradigmas estão carregados. Primeiramente, o ponto de vista da produção da historicidade tem como referência principal a existência do conflito central dentro da sociedade, onde a apropriação e a gestão de sua historicidade estão em questão. O conflito central é marcado por uma lógica dentro da qual os atores sociais se mobilizam na produção da sociedade e que diz respeito à concepção de movimentos sociais segundo Alain Touraine (1993). Em segundo lugar, o ponto de vista das **lógicas dos campos de atividade** apresenta como referência principal o espaço social onde se realizam a reprodução e a produção da sociedade “distribuídas” pelas diferentes atividades, tendo cada uma sua lógica social própria, sendo a esfera religiosa um destes campos, dentro da concepção trabalhada por Pierre Bourdieu (1971). Finalmente, o ponto de vista da dinâmica pessoal e identidade apresenta como referência principal a importância das iniciativas ao nível do sujeito individual, apresentando-se este como um lugar de iniciativa coletiva. Em outras palavras, há uma **lógica da dinâmica e identidade dos indivíduos** que deve ser levada em conta nos estudos sociológicos. Consideramos, em primeiro plano, autores como Jean Remy, Guy Bajoit e Alberto Melucci.

A experiência nos mostrou que essa tríplice perspectiva é particularmente interessante quando se trata de estudos sociológicos das religiões e suas práticas, uma vez que facilita a compreensão da permanente e rica interação entre o nível do pro-

⁸ Apesar de, em geral, as PSR não atenderem a certas exigências legais, entendemos que o ponto definidor em termos sociológicos se situa, sobretudo, nos objetivos propostos e atendidos. Os aspectos legais, que dizem respeito aos agentes legítimos do exercício das práticas de assistência social, são de ordem administrativa e evidentes mecanismos de garantia da boa performance da prática em mãos de profissionais para isto preparados. As PSR analisadas em geral carecem totalmente de recursos para tal.

cesso social como um todo, o nível das relações institucionais e o nível dos agentes individuais. Detectar esses três níveis em todas as PSR e sua interação é fundamental. O estudo nos revelou, mais uma vez que essas três aproximações teóricas, trabalhadas simultaneamente, representam um caminho rico e dinâmico para uma boa apreensão sociológica, dando-nos melhores condições de compreensão das PSR, segundo as quatro delimitações acima explicitadas. As três aproximações teóricas ajudaram efetivamente a lançar importantes luzes sobre os caminhos das PSR em termos de reprodução institucional, de definições ideológicas, de políticas sociais e de estratégias de adesão pessoal.

Práticas Sociais Religiosas junto a 32 locais de culto religioso e templos

Foram selecionadas 32 entidades sociais vinculadas, diretamente, a algum local de culto religioso ou templo, nos quatro municípios em questão, ou seja: oito entidades em cada um dos municípios. As 32 entidades estão assim agrupadas: dez são do recorte evangélico (evangélicos históricos e pentecostais), dez do recorte católico (católicos paroquiais tradicionais, carismáticos e de comunidades eclesiais de base – CEBs) e 12 do recorte mediúnico, umbandista e africanista.

Existe uma grande incidência na percepção dos problemas sociais relacionados com baixa renda, pobreza, fome e desemprego, totalizando 40 menções, num total de 32 entrevistados, sendo que o meio católico concentra 17 dessas menções, ou seja, quase a metade (Tabela 5).

As entidades sociais religiosas desenvolvem diferentes práticas sociais visando fazer frente aos problemas mencionados (Tabela 6), mas nem sempre existe uma coerência entre a

percepção manifesta do problema social e as PSR efetivamente realizadas.

Mesmo que se identifique certo descompasso entre a percepção dos problemas sociais e as práticas efetivamente instaladas, em nossa avaliação, a maior parte das PSR observadas nas 32 entidades expressa aspectos diretamente relacionados com a questão social. Trata-se de práticas voltadas, em sua maioria, para o centro das Políticas Públicas de Assistência Social, embora o seu espaço físico de organização esteja situado nos locais de culto religioso e templos.

Pode-se inferir que, em geral, as práticas sociais desenvolvidas no cotidiano dos locais de culto religioso e templos, ou seja, as PSR, dizem respeito a práticas de Assistência Social, salvaguardando-se obviamente questões de ordem legal. Independentemente do campo social em que se inserem, as práticas sociais assumem a característica de práticas de Assistência Social sempre que são dirigidas ao atendimento dos direitos sociais daqueles que padecem maiores necessidades e vivem com problemas agudos de subsistência no convívio social. Elas não são práticas de Assistência Social quando estão orientadas para outros interesses e não são orientadas no sentido do atendimento desses direitos (Follmann, 2006a).

Religiões como atores de práticas sociais na sociedade⁹

A questão que foi posta é esta: o que está efetivamente mobilizando? Quais são as principais motivações que levam à realização de PSR ou ao engajamento nas mesmas? Quais os motivos e influências mais relevantes que levam os indivíduos a se envolverem concretamente nas PSR?

Cabe inicialmente uma observação geral. Constatou-se certa preocupação, da parte da maioria dos entrevistados,

Tabela 5. Principais problemas que assolam a população atendida pelas 32 entidades sociais religiosas nos municípios de Canoas, Esteio, São Leopoldo e Novo Hamburgo, na percepção explicitada pelos entrevistados integrantes das mesmas, por agrupamentos de religião.

Religiões Principais Problemas percebidos	Evangélicos: históricos e pentecostais	Católicos paroquiais e de CEBs	Mediúnicos, umbandistas e africanistas	Total de menções
Pobreza, baixa renda, fome	05	10	06	21
Desemprego e falta de trabalho	06	07	06	19
Alcoolismo e drogas	04	04	06	14
Relacionamento desestruturado e brigas	02	03	07	13
Problema espiritual e falta de orientação	02	02	03	07
Problema de saúde física e psicológica	-	03	04	07
Falta de educação e formação profissional	02	02	-	04
Falta de roupa e calçados	01	02	-	03

* Observação: O número total não fecha em 32, porque foi facultado aos entrevistados mencionar mais de um problema.

⁹ As análises e os comentários deste e dos dois próximos itens tiveram especial participação dos bolsistas Otília Gomes Freires, Tiago da Silva César, sob a coordenação de Adevanir Aparecida Pinheiro.

Tabela 6. Principais práticas desenvolvidas pelas 32 entidades sociais religiosas, segundo os representantes destas nos municípios de Canoas, Esteio, São Leopoldo e Novo Hamburgo, por agrupamento religioso.

Religiões/Práticas realizadas	Evangélicos: históricos e pentecostais	Católicos paroquiais e de CEBs	Mediúnicos, umbandistas e africanistas	Total
Distribuição de alimentos e sopão	9	12	7	28
Distribuição de roupas e calçados	8	5	5	18
Saúde, remédios, atendimentos e consultas	5	3	7	15
Alfabetização e cursos práticos	4	9	-	13
Campanhas e promoções beneficentes	5	5	3	13
Visitas a creches, asilos, casas	5	4	2	11
Palestras de orientação preventiva	1	4	2	07
Orientação social e encaminhamentos	3	1	1	05
Oficinas de teatro e coral	1	-	1	02
Ajudas para gás, luz e transporte	1	1	-	02
Resgate da fé e formação humana	-	1	1	02

* Observação: O número total não fecha em 32, porque foi facultado aos entrevistados mencionar mais de uma prática social.

em convencer o entrevistador sobre a importância e legitimidade da assistência praticada em suas entidades de atuação. Salientamos que tal percepção não se extrai apenas das respostas, mas também através da expressividade corporal dos entrevistados (gestos, postura física e feições faciais), notada nas entrevistas, pois passavam um “ar” de seriedade e compromisso, enfim, expurgando qualquer dúvida em relação à autenticidade da contribuição dessas práticas à sociedade.

Essa postura contrasta um pouco com a constatação de que 59% dos mesmos entrevistados manifestaram que não sabiam o que é a Lei Orgânica de Assistência Social – LOAS, outros 22% sabiam do que se tratava, mas não tinham conhecimentos do conteúdo, e somente 13% já haviam lido e mostraram ter conhecimentos a respeito.

Vejam a seguir algumas respostas à pergunta que visa saber a opinião do entrevistado quanto à contribuição concreta das PSR de sua entidade para a sociedade: “Contribuí, porque a sociedade não gosta de dar às pessoas que batem à sua porta [...]; tem contribuído para a diminuição de pessoas na rua; os pais estão mais responsáveis [...]; conseguimos tirar muitos jovens das drogas e outros vícios” (C). “O trabalho é significativo, porque serve de base, ensino, exemplo para que os jovens não caiam na vida subversiva” (K). “Contribuição oportuna: ainda bem que a pessoa pode contar com a igreja, e, se você ajuda, evita que o pobre se marginalize” (H). “Se as religiões se unissem em prol de obras e recuperação da sociedade, talvez essas pessoas viveriam melhor” (P)¹⁰.

Não trazemos nada de novo ao constatar que as PSR de atuação dos entrevistados são, na maioria dos casos, de caráter assistencialista, ou seja, são práticas realizadas muitas vezes de forma mecânica e não comprometedoras, gerando dependência para com o doador.

A par do caráter assistencialista, existem também aquelas PSR que têm outra orientação ou que estão efetivamente vinculadas a programas ou linhas de ação mais ou menos bem definidas.

É necessário mencionar que encontramos respostas que apontam para um grau maior de consciência, onde o impulso para a prática não se restringe apenas à indignação ou a algum sentimento espiritual de caridade, mas está ancorado na vontade de desenvolver (trabalhar) a consciência crítica e cidadã das pessoas auxiliadas, reconhecendo que o papel da entidade não é só dar, mas também mostrar a importância de as pessoas terem entendimento de seu papel e sua situação na ordem social vigente. “Nossa filosofia é desenvolver cidadãos críticos” (C). “Formação de consciência. Não posso fazer por fazer; é necessário criar novas alternativas” (C). “Contribuí para um projeto popular. Formação do cidadão” (C). São as respostas de uma minoria que, assim, pautam a questão da formação do sujeito, isto é, dizendo que as PSR contribuem na formação da cidadania, transformando os indivíduos em sujeitos cidadãos. Estas práticas ajudam a “diminuir o sofrimento da pessoa, compará-la, fazer essa pessoa render alguma coisa, aproveitar seus dons” (H), como também ajudam para a “formação da cidadania, compromisso social cristão e transformador do sujeito” (C).

¹⁰ As siglas entre parêntesis que se encontram neste parágrafo e que se repetirão em outras passagens dizem respeito à religião de pertença do entrevistado: (C) = católico; (K) = Mediúnico Espírita Kardecista; (H) = Evangélico do Protestantismo Histórico; (P) = Evangélico Pentecostal; (A) = Africanista ou Umbandista.

Práticas Sociais Religiosas e religião

Quanto à relação entre a sua religião e as práticas sociais desenvolvidas em seu local de atuação, um entrevistado respondeu enfaticamente: “Isto é tarefa das religiões” (H); e outro: “A igreja é a célula da sociedade mais recuperadora do ser humano. Ela recicla o ser humano, realmente” (P).

Existe uma consciência dos entrevistados com relação ao fato de que as atividades assistenciais agregam valor à imagem da religião na sociedade. Ou seja, a idéia de que as religiões (esfera religiosa em geral) são mais valorizadas na medida em que aumentam as suas práticas sociais. É notável como, sobretudo, nas religiões mais complexamente organizadas, existe, via de regra, um número relativamente grande de pessoas, constituindo equipes voluntárias responsáveis pelas diferentes frentes de trabalho, especialmente no caso de campanhas, doações, etc. Nas religiões de Matrizes Africanas e de Umbanda, são os próprios membros da “família” que são envolvidos em todo o processo, sugerindo um verdadeiro clima de fraternidade. Todos vão sendo preparados para dar continuidade nas práticas sociais, ou seja, a Mãe de Santo ou Pai de Santo responsável pelo Terreiro vai preparando, durante algum tempo, seu filho e filha biológica, quando é o caso, para ocupar seu lugar, e todos os filhos e filhas (espirituais) são sempre envolvidos nas obrigações e práticas sociais a elas associadas.

Quando são perguntados sobre a realização das práticas sociais em forma conjunta com outras religiões, as observações apontam muito para o plano das boas intenções. Já referimos acima a fala de um líder pentecostal, neste sentido: “Se as religiões se unissem em prol de obras de recuperação para a sociedade, talvez essas pessoas viveriam melhor” (P). Ou como diz um líder católico: “Deveria ser em conjunto” (C). Diversas outras falas apontam para esse ideal, mas a maioria sinaliza a grande dificuldade disso na prática. Constatou-se uma expressão de lamento bastante geral, nesse sentido.

Talvez haja uma percepção no meio dos entrevistados, ainda que não explicitada, dos limites do campo religioso. Ou seja, a competição interna e as disputas de espaço de influência são fortes dentro deste “campo de atividade” que é o campo religioso. As PSR não estão isentas disso, ou, em algumas situações, até fazem corpo a essa competição e disputas de espaço de influência.

Na realidade, as PSR são vistas como inerentes à própria missão desta ou daquela religião, e elas buscam diferenciar-se também neste aspecto, atraindo fiéis especificamente para o seu meio. “As igrejas fazem a caridade de modo autônomo para atrair as pessoas” (H). “As religiões fazem algum tipo de campanha em seu próprio benefício” (K). “Ao mesmo tempo em que se ajuda, se leva a mensagem” (K). “A caridade deve ser manifestada com ações concretas, essa é a mística da religião. Uma simples visita, a atenção, é caridade cristã” (C). As PSR também são percebidas

como meios importantes de reforço para a própria missão religiosa: “As pessoas, envolvendo-se nos trabalhos sociais, acabam descobrindo o sentido da verdadeira religião” (C).

Por outro lado, a religião é vista como motivadora para a prática de engajamento social. A pregação da palavra, a caridade e a doação, que cada meio religioso desenvolve, contribuem para a sensibilização, a motivação, a mobilização e o engajamento das pessoas nas PSR, segundo a opinião da maioria dos entrevistados, independentemente de denominação.

Na fala dos entrevistados transparece a existência de uma dupla intencionalidade na realização das práticas sociais, por parte de cada um dos meios religiosos, pois ao mesmo tempo em que se “faz o bem ao próximo” como prescrevem os mandamentos e os princípios da religião, “atrai-se”, evidentemente, também esse próximo para dentro do meio religioso. Procede, neste sentido, a crítica que alguns fazem, ao referir a dificuldade de trabalhos em conjunto, dizendo que algumas religiões desenvolvem práticas sociais com a única finalidade de atrair seguidores para si.

Quanto à comparação das PSR com as de outras religiões, constatamos que existe uma diversidade de opiniões por parte dos entrevistados de todos os meios religiosos. São manifestações que vão desde posicionamentos de grande suspeição com relação a práticas de outras religiões até posicionamentos de grande reconhecimento e admiração pelos trabalhos dos outros. Um pequeno número de respostas insinuou que existem religiões que desenvolvem PSR com o objetivo exclusivo de atrair mais fiéis que paguem o “dízimo”, ou, então, que fazem uma verdadeira “lavagem cerebral”... É presumível que se trate de críticas dirigidas ao segmento pentecostal e neopentecostal. Segundo outros, é impossível acreditar que certas religiões façam algum trabalho social de valor, pois só aparecem como “proibindo”, etc. É presumível que se trate de críticas dirigidas ao segmento católico. Em geral, no entanto, as manifestações foram no sentido de um respeito ético com relação ao que os outros fazem: “Tenho pouco conhecimento sobre outras religiões, mas pelo que sei cada um faz do seu jeito” (C). “Outras religiões também estão fazendo suas práticas sociais” (A). “Já existe um diálogo e as práticas são parecidas” (K). Também tivemos algumas manifestações no sentido de destacar a relevância do trabalho feito pelos outros: “A Igreja Católica e os Espíritas realizam trabalhos que se sobressaem aos demais meios religiosos” (H). “Os Evangélicos são muito práticos,... há locais que apresentam um bom trabalho” (C). “Devido às condições das pessoas que freqüentam a religião, não há como fazer algo como a Igreja Católica” (A).

Questionados sobre a existência ou não de união interna com relação às PSR, os entrevistados, em sua maioria, declararam que a sua comunidade é unida, ou seja, não há oposição, existindo perfeita união, harmonia e irmandade, todos se ajudando mutuamente. Alguns manifestaram a existência de críticas externas, entendendo-se que se trata de pessoas que não

freqüentam e não necessitam da Igreja para sobreviver. Existiria, entre estas, um preconceito com relação às pessoas carentes e também às pessoas da raça negra.

Todos esses aspectos aqui relatados, de forma sintética, nos mostram algumas interrogações relevantes, no que diz respeito às PSR, que a perspectiva dos campos de atividade nos faz visualizar.

Os sujeitos religiosos como agentes de PSR

Nossas entrevistas foram realizadas basicamente com lideranças leigas e religiosas, que estão à frente dos trabalhos realizados, e, em muitos momentos, nos pareceu que a idéia de obrigatoriedade da caridade está muito presente no inconsciente destes agentes das entidades assistenciais, que funcionam junto a locais de culto religioso e templos. “O fundamento filosófico é amar a Deus e a seu próximo. Esse amor que você não comprou e esse amor que você foi amado, você *tem que compartilhar* com o teu próximo” (H). “Eu vejo trabalhar a assistência muitas vezes pelo *dever* porque somos cristãos [...]” (H). Esta última resposta sugere também a questão da identidade, ou seja, as PSR têm a ver com a própria identidade religiosa. “Esse é um princípio fundamental da doutrina cristã ‘amar o próximo’; caridade [...] a compaixão, de certo, nos comove a isso” (H). “Ajudar o próximo como a si mesmo [...] levar o evangelho e ajudar a todos sem distinção de religião” (H). “A doutrina cristã prega a caridade, o amor ao próximo, ao mais necessitado: aquilo que eu tenho na minha casa sobrando não é meu, é do meu irmão necessitado” (C). Para a maioria dos entrevistados, de todos os meios religiosos pesquisados, mesmo em alguns considerados “não cristãos”,¹² as suas PSR são baseadas nos ensinamentos de Jesus Cristo, ou seja, a religião quer que as pessoas tenham fé, vida, esperança e caridade, imitando a vida de Jesus. É importante fazer a caridade aos necessitados, pois a preocupação de servi-los e auxiliá-los é parte integrante da doutrina e prática cristã, isto é, “fazer o bem ao próximo” (C). Ou, conforme manifesta um entrevistado do meio espírita, na prática social “existe uma ligação com a doutrina espírita de um contexto só, onde elas se interpenetram” (K).

Muitas vezes, as religiões são como uma caderneta de poupança, onde se deposita a fé, expressa na caridade (investimento), e se recebe o rendimento em bênçãos (rendimento): “A religião é dar; quanto mais se dá, mais se ganha” (A). “Quem faz tem maior felicidade, mais retorno do que quem recebe” (K). Ou ainda, como disse um líder de entidade ligada ao Protestantismo Histórico, ao falar das motivações pessoais das práticas sociais, provavelmente tentando explicar o porquê da grande mobilização, neste sentido, no meio espírita: “Quanto melhor fizer nessa vida, melhor será sua condição na próxima reencarnação” (H). A conquista de uma melhor condição na

próxima encarnação certamente trabalha forte na consciência das religiões reencarnacionistas e pode ser considerada como um elemento de dinamização de práticas sociais. O mesmo modelo mental pode ser aplicado àqueles que fazem a sua “poupança religiosa” para a vida eterna.

A maioria dos entrevistados possui mais de cinco anos de experiência – em alguns casos se aproximam dos 40 anos – em PSR desenvolvidas nas comunidades. Questionados sobre a continuidade dos trabalhos, em sua ausência, os entrevistados em geral se manifestaram no sentido de que o trabalho continuaria, pois as pessoas são preparadas previamente para exercerem o comando das atividades. São os próprios encarregados pela coordenação das PSR que fazem a escolha de um líder para dar continuidade nos trabalhos. Percebemos que, em alguns casos, existe uma preocupação, por parte das coordenações, com a formação de líderes que animem as práticas. São raros os casos em que se comprova uma dependência relacionada aos padres ou liderança central para que as práticas sociais não sofram solução de continuidade.

Apesar desta aparente consistência institucional, as PSR são alimentadas, em grande parte, pelo voluntariado individual regido pelas mais diversas motivações, de ordem religiosa ou não. Pode-se neste sentido arrolar uma verdadeira “colcha de retalhos”: “A minha motivação própria é que eu venho de uma família humilde pobre e eu lembro o quanto nós fomos ajudados e beneficiados” (H). “Pessoas doentes por não fazerem nada; essas pessoas precisam achar-se útil, isto é muito importante para elas, o convívio social é importante” (K). “Tive que me submeter a uma cirurgia de ponte-safena; a partir disto, cada vez mais me senti satisfeito em trabalhar em prol do próximo” (C). “Primeiro devido à religião; já estão envolvidos em algum ‘movimento católico’; vêm por convite. Outros vêm para suprir uma depressão [...], para se sentirem úteis, pois no momento em que a pessoa se sente útil, ela se sente realizada” (C). “Sensação de se tornar útil, de se doar e ajudar aquela pessoa necessitada, criar um laço de cristão entre aquele ajudado e o auxiliador” (C). “Alegria, satisfação de ver as pessoas melhorarem ou ficarem melhor do que estavam; sentir-se bem, dormir em paz, sentir-se tranqüilo no doar-se” (K). “Ajudar os necessitados [...] alguns são para se sentirem úteis...” (H). “É a compaixão, isso motiva a pessoa; ela se sente que é útil para alguma coisa” (H). “Os motivos geralmente são por causa de alguns serviços que são realizados, e a partir daí a pessoa recebe a graça e permanece na casa; esse é o motivo principal; tem também aqueles que vêm e ficam por causa de motivo de saúde” (A). “Cada um tem a sua maneira” (A). Houve quem falasse das práticas que são desenvolvidas pelos membros religiosos pelo simples alívio da consciência.

A par de todas estas respostas, a motivação predominante presente na história pessoal dos entrevistados, no entanto, é de ordem religiosa, envolvendo inclusive a tradição da própria família.

As motivações pessoais fazem parte da construção da identidade (Follmann, 2001). O sujeito vive em permanente processo de construção da identidade, costurando o seu projeto de vida com os projetos sociais nos quais se envolve ou é envolvido.

Conclusões

Quando iniciamos este estudo, estávamos sendo mobilizados por uma pergunta muito simples: Quais as “práticas sociais” das religiões no Vale do Rio dos Sinos, nos últimos anos? Queríamos identificar as suas motivações. Queríamos saber se havia uma relação clara entre a identidade religiosa e as práticas sociais desenvolvidas em seu meio.

Se o conceito de *Práticas Sociais Religiosas* (PSR) nos ajudou, não foi, no entanto, possível dar o passo além e falar em PSR africanistas, umbandistas, espíritistas, católicas, luteranas, anglicanas, pentecostais, neopentecostais etc. A pesquisa demonstrou que é quase inócuo perseguir este tipo de questão. Ao menos ficou claro que a elucidação de questões relacionadas a determinações ideológicas e políticas e ao envolvimento subjetivo dos agentes é tão ou mais importante que a abordagem da identidade institucional, para podermos avançar no estudo sobre as PSR.

Nos municípios estudados, o perfil identitário das religiões não é o fio definidor das suas PSR. Existem, evidentemente, diferentes intensidades religiosas na condução das PSR. É constatável, neste sentido, que, nas religiões de matriz africana ou de umbanda, dá-se uma grande consubstancialidade das práticas sociais com as práticas rituais religiosas. O espiritismo tem certa proximidade deste modo de agir ao colocar a prática da caridade no centro de tudo. Já no meio cristão evangélico pentecostal e neopentecostal, as obras sociais são consideradas como parte integrante da obra de Deus e, assim, essas obras são normalmente acompanhadas por trabalhos doutrinários de educação na fé. Nos meios evangélicos históricos e no meio católico, encontra-se evidenciada, em muitas situações, uma maior distinção ou separação entre a prática espiritual e a prática social. Mesmo anotadas essas diferentes tendências, as práticas estudadas são de perfil muito parecido, ficando difícil sustentar a hipótese da estreita relação entre perfil identitário da religião e as suas PSR. Trata-se, de fato, de diferentes intensidades religiosas no desenvolvimento das práticas sociais. As diferenças de intensidade são percebíveis também de forma transversal nos quatro tipos de religião em estudo. Uma das hipóteses que foi sendo formulada e elucidada ao longo do processo da pesquisa é que, ao mesmo tempo em que são perceptíveis as diferentes intensidades religiosas no desenvolvimento das práticas sociais, em geral identificáveis com determinados tipos de religião, é preciso ter presente, sobretudo, que as PSR tendem provavelmente a ser mais fortemente influenciadas por fatores político-sociais e de posicionamento ideológico, bem como por

fatores de interesses pessoais dos seus protagonistas, do que, propriamente, pela vinculação religiosa ou identidade institucional, enquanto tal.

As PSR, dentro do conceito adotado neste estudo, são suficientemente expressivas para mostrar a existência de claros interesses institucionais. Ou seja, as religiões vêm, nas suas PSR, um meio importante do sucesso de sua própria missão religiosa. O viés religioso, que por si só é considerado um bem por quem o propõe, pode, no entanto, envolver descuidos metodológicos perversos, reforçados, em geral, pela carência de recursos.

Mesmo que, no discurso e em algumas práticas, seja possível identificar iniciativas emancipadoras, contestatárias e transformadoras da ordem social estabelecida, portanto, orientadas por ideologias transformadoras, o que predomina, amplamente, é a existência de iniciativas limitadas à busca de soluções e atendimentos imediatos, mais voltados para os efeitos degradantes da questão social do que para o lançamento de bases para enfrentar as causas e a raiz da pobreza, das desigualdades e exclusões.

É a própria realidade social que força as PSR nessa linha. O assistencialismo, tão facilmente reproduzido pelas instituições religiosas, poderia ser redirecionado e até superado, em muitas situações, na medida em que políticas públicas se voltassem com efetiva firmeza e lúcido investimento profissional para um conseqüente aproveitamento das grandes potencialidades de construção de novas relações sociais existentes neste meio. A pesquisa ajudou a constatar um grande desconhecimento das políticas públicas, inclusive da legislação – lembre-se o exemplo da LOAS –, de parte de agentes religiosos. Deixou entrever, também, e reforçou a nossa avaliação sobre o grande descaso e pouca percepção, da parte de atores políticos, com relação às reais potencialidades das PSR. Quando muito, observa-se um tácito “salvo-conduto” para a “caridade”, podendo assim o Estado “lavar as mãos” de seu absentismo face à crescente gravidade da questão social.

Por trás das implicações institucionais, ideológicas e políticas, devemos registrar uma atenção especial à questão pessoal, ou seja, à mobilização subjetiva dos agentes religiosos. As PSR não fogem, neste sentido, à regra social geral. Nelas deve-se, no entanto, destacar que esse tipo de mobilização, ao mesmo tempo em que está envolvido num discurso doutrinário da instituição, se manifesta, também, em uma multiplicidade de trajetórias de vidas de grande abnegação e doação originadas, em geral, em motivações de caráter pessoal (de ordem religiosa ou não).

Tendo presente estas considerações, pode-se concluir que, para um bom cuidado público das vítimas da questão social, um bom caminho é o respeito e o cuidado para com as PSR. O nosso estudo colocou-nos em contato com muitos espaços às vezes pouco usados e equipes cheias de boa vontade, à espera de uma política mobilizadora, revestida de muito cuidado, com a assistência de profissionais também competentemente preparados para atuar nesse meio. O cuidado em questão deve signi-

ficar, sobretudo e ao mesmo tempo, respeito para com os princípios religiosos e reconhecimento dos sujeitos individuais envolvidos e suas dinâmicas pessoais.

Referências

- BAJOIT, G. 1992. *Pour une sociologie relationnelle*. Paris, PUF, 308 p.
- BOURDIEU, P. 1971. Genèse et structure du champ religieux. *Revue Française de Sociologie*, **XII**:295-334.
- BOURDIEU, P. 1983. *Questões de sociologia*. Rio de Janeiro, Marco Zero, 208 p.
- DREHER, M.N. 1999. *A igreja latino-americana no contexto mundial*. São Leopoldo, Sinodal, 244 p. (Col. História da Igreja, vol. 4).
- FOLLMANN, J.I. 1985. *Igreja, ideologia e classes sociais*. Petrópolis, Vozes, 207 p.
- FOLLMANN, J.I. 2001. Identidade como conceito sociológico. *Revista Ciências Sociais Unisinos*, **37**(158):43-66.
- FOLLMANN, J.I. 2006a. Práticas sociais e universidade. In: V.R. RAMIRES e R. CAMINHA (orgs.), *Práticas em saúde no âmbito da clínica-escola: a teoria*. São Paulo, Ed. Casa do Psicólogo, p. 23-35.
- FOLLMANN, J.I. 2006b. O mundo das religiões e religiosidades: alguns números e apontamentos para uma reflexão sobre novos desafios. In: D.R. STRECK; J.I. FOLLMANN e C.C. SCARLATELLI (orgs.), *Religião, cultura e educação*. São Leopoldo, Editora Unisinos, p. 11-28.
- FOLLMANN, J.I. et al. 1996. Comunidades Eclesiais de Base – CEBs no Estado do Rio Grande do Sul. *Revista Cadernos Cedope (Série: Religiões e Sociedade)*, **8**(11):5-50.
- MELUCCI, A. 1994. Movimentos sociais, renovação cultural e o papel do conhecimento (entrevista de Alberto Melucci a Leonardo Avritzer e Timo Lyra). *Revista Novos Estudos Cebrap*, **40**:199-221.
- PINHEIRO, A.A. 2003. *Identidade e participação: um estudo das práticas sociais em duas realidades religiosas*. São Leopoldo, RS. Dissertação de mestrado em Ciências Sociais Aplicadas. UNISINOS, 189 p.
- REMY, J. 1989. Comment problématiser le changement social? In: M. MOLITOR; J. REMY et L. van CAMPENHOUDT (orgs.), *Le mouvement et la forme: essays sur le changement social en hommage à Maurice Chaumont*. Bruxelles, Fac. Saint-Louis, p. 119-147.
- TOURAINÉ, A. 1984. *Le retour de l'acteur: essai de sociologie*. Paris, Fayard, 350 p. (Col. Mouvements).
- TOURAINÉ, A. 1993 (1ª ed.: 1973). *Production de la société*. Paris, Le Seuil, 477 p.
- TOURAINÉ, A. 2001. *A procura de si: diálogo sobre o sujeito*. (Entrevista a Alain Touraine realizada por Farhad Khosrokhavar). Lisboa, Instituto Piaget, 307 p.

Submetido em: 22/11/2006

Aceito em: 22/11/2006